

A devoção católica como patrimônio: registros materiais e imateriais na cidade histórica de Paraty - RJ, Brasil

The Catholic devotion as heritage: tangible and intangible registers in the historic city of Paraty – RJ, Brazil

Julio Cezar Neto Dantas*
Teresa Scheiner**

Resumo: O artigo apresenta aspectos da memória histórica de Paraty, com ênfase em alguns traços materiais e imateriais cujo registro configura, no tempo e no espaço da cidade e seus arredores, as relações entre Paraty, seus moradores e diferentes instancias de poder. Nesse contexto destaca-se o papel da Igreja católica, a qual exerceu – e ainda exerce – considerável influência sobre os modos e formas pelos quais a comunidade paratyense desenvolve suas práticas econômicas e sociais. A complexa malha relacional que constitui Paraty como patrimônio é aqui apresentada por meio das práticas religiosas ligadas às Irmandades que historicamente organizam e dirigem o sentimento de religiosidade dos moradores. Tal influência permanece no tempo pelo fato de a devoção católica ser valorada, pela comunidade, como um aspecto indissociável da identidade local. Esta articulação entre espaço geográfico, registros materiais e imateriais, saberes, crenças, processos e comportamentos constitui a matriz mais legítima de um patrimônio reconhecido, desde a base, pela comunidade paratyense – e a partir dela, pelas instancias legitimadoras do patrimônio em nível local, regional, nacional e mundial.

Palavras-chave: Museologia; Patrimônio; Devoção católica; Tradições populares; Paraty.

Abstract: The article presents some aspects of the historical memory of Paraty, emphasizing material and immaterial traits that mark, over time and in the space of the city and its surroundings, the relations between Paraty, its residents and different instances of power. In such a context, the role of the Catholic Church – that had, and still has considerable influence over the ways through which the local community develops its economic and social practices – stands out. The complex relational network that constitutes Paraty as heritage is here presented through the religious practices linked to the catholic Brotherhoods that traditionally organize and direct the religious feelings of the residents. This influence remains over time because the community values catholic devotion as an inseparable trait of their local identity. This relation between geographic space, material and immaterial records, knowledge, beliefs, behaviors and processes constitutes the most legitimate matrix of a heritage that is recognized, as from the base, by the community of Paraty; and spreads towards the agencies that legitimize heritage – at local, regional, national and world level.

Keywords: Museology; Heritage; Catholic Devotion; Popular Traditions; Paraty.

* Arquiteto e Urbanista formado pela Faculdade Integrada do Instituto Metodista Bennett. Museólogo formado pela Escola de Museologia da UNIRIO. É Especialista em História da Arte Sacra pela Faculdade do Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro. Mestre e Doutorando em Museologia e Patrimônio, Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio. Foi Chefe do Escritório Técnico do IPHAN em Paraty. Atualmente é Diretor do Museu de Arte Sacra de Paraty e do Museu Forte Defensor Perpétuo de Paraty, ambos do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). E-mail: jncdantas@hotmail.com

** Bacharel em Museologia pelo Museu Histórico Nacional, com Habilitação para Museus de Ciências; Licenciada e Bacharel em Geografia pela UERJ; Mestre e Doutora em Comunicação pela ECO/UFRJ. Professor Associado 3 da UNIRIO. Coordenadora do curso de Doutorado em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS. Foi Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio - PPG-PMUS, UNIRIO/MAST (2006-2017); Vice-Presidente do Conselho Internacional de Museus - ICOM (2010/2016); Editora Chefe de Museum International (2014-2017); membro do Conselho Executivo, ICOM (2004/2010); Presidente, Comitê Internacional de Museologia - ICOFOM/ICOM (1998/2000), criadora e Consultora Permanente do ICOFOM LAM. E-mail: tacnet.cultural@uol.com.br

Introdução

Localizada na Baía de Ilha Grande, com posição privilegiada e servindo de ponto de passagem entre o Rio de Janeiro e o Caminho Velho - que conduzia ao interior de São Paulo e de Minas Gerais, e pelo qual transitavam numerosas tropas - a então nascente Vila de Paraty se destacou no cenário histórico brasileiro desde fins do século XVII e mais ainda nos séculos XVIII e XIX. Sua herança, presente nos edifícios que chegaram até os dias atuais; e nos costumes locais que incluem festas, danças, artesanato e culinária vinculada à matriz indígena, fazem desse conjunto um exemplo ímpar de patrimônio integral.

Por sua importância para a memória brasileira, a cidade de Paraty foi reconhecida como Monumento Histórico do Estado do Rio de Janeiro em 1945, conforme rege o Decreto Lei 1.450 de 18 de setembro, assinado pelo interventor federal do Estado do Rio de Janeiro. O Decreto Federal de 1937, que organizou a proteção desses bens, com a criação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e do mecanismo de “tombamento”¹, ajudou consideravelmente a preservar o território de Paraty. Destaque-se que, segundo as fontes pesquisadas, a elevação do conjunto arquitetônico à categoria de Monumento Histórico do Estado do Rio de Janeiro não foi suficiente para garantir a sua preservação ou o seu reconhecimento como monumento estadual, conforme sinaliza, em parecer de 13 de junho de 1957, Carlos Drummond Andrade - então chefe da Seção de História da Divisão de Estudos e Tombamentos (DET) do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN).

Entretanto, a documentação histórica comprova que muito antes das medidas de proteção legal e de sua apropriação como monumento pelos intelectuais ligados à área, a sobrevivência e preservação de Paraty já haviam sido garantidas pelas Posturas Municipais² - Padrão de 1799; Posturas da Câmara da Villa de Paraty (1831); Posturas de 1836; e pelo Código de Posturas do Município de Paraty, datado do mesmo ano, nas quais foram confirmadas, ainda, as Posturas das Câmaras Municipais das cidades de Niterói e Cabo Frio e das Vilas de Maricá, Itaboraí e Magé. Já no ano de 1794, no Livro das Visitas Pastorais, a Freguesia de Nossa Senhora dos Remédios era apontada como

¹ Instrumento jurídico que designa determinado bem como patrimônio.

² As Posturas Municipais integravam as leis que regulamentavam a administração das antigas vilas e cidades no período colonial e no império. Visavam ordenar o espaço urbano, a conservação e a construção de edificações. Eram adaptadas às necessidades locais e ao cotidiano dos moradores. As Posturas de 1799 ordenavam o traçado urbano, normatizavam as construções e altura dos edifícios. As Posturas de 1831 eram compostas de 63 artigos aprovados pelo Governo, na forma da Resolução da Assembleia Geral Legislativa de 25 de outubro de 1831, bem mais detalhada que a de 1799; estabelecia normas para construções e cuidados com as edificações, regras para o comércio, preservação da saúde e garantia da ordem pública (RAMECK E MELLO, 2003, p. 8-34).

orago da freguesia e Vila de Paraty, segundo anotações feitas por José de Souza Azevedo Pizarro³ e Araújo, bacharel formado em Cânones, do Conselho de Sua Majestade, Monsenhor Arcipreste da Capela Real. Este relata o local da primeira igreja de Paraty:

[...] que da outra parte do Rio Piraqueguacu, que fica para o rumo do N. n'um morro, que chamam de Vila Velha, em distância do mesmo Rio 25 braças, pouco mais ou menos, esteve primeiramente fundada a Igreja de Parati, mas com o dito de S. Roque, que também foi o padroeiro da mesma Vila⁴ (ARAÚJO, 1794, p. 38v-45v).

Conforme Pizarro, uma ordem passada pelo Governador Geral das Capitanias do Estado do Brasil, Salvador Corrêa de Sá e Benevides, em 21 de agosto de 1680, mandava descobrir e abrir os caminhos da Vila de Paraty para o interior do sertão e caminhos para São Paulo. Nesta ocasião já era tratado por Vila o Distrito de Paraty, possuindo, portanto, igreja, bem como paróquia e pároco – que, à semelhança de Angra dos Reis, nesta época era pago à custa do povo, e não por "El Rey", ainda que fossem todos providos anualmente pelos Administradores da Capitania.

Em 1646, houve a mudança da Vila para a planície onde hoje se encontra entre dois rios que a cercam de um e outro lado e “[...] vão desaguar no mar, com o qual se comunicam pelo forte, o Piraqueguassú, e pelo Sul o Patitiba, tendo de largura este plano todo, 459 braças e de comprimento 583 braças” (ARAÚJO, 1794, p. 38v e 45v). Pelas descrições apresentadas, provavelmente foi anterior a 1699 a construção da igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios (Figuras 1 e 2), nova padroeira da Vila, na porção de sesmaria doada por Maria Jácome de Melo. A igreja foi erigida num plano imediato ao mar, sendo o lado da Epístola⁵ a pouca distância do Rio Perequê-Açú, onde ancoravam as lanchas e sumacas, no antigo cais⁶.

No outro lado do adro encontrava-se a Casa de Câmara e Cadeia, com uma pequena praça servindo de Rocío, onde, nas tradicionais Festas do Espírito Santo, se apresentavam as cavalhadas e danças em homenagem ao Imperador do Divino. Naquelas proximidades se localizava o Império do Espírito Santo⁷ conforme atesta o

³ Visitou Paraty em 1794 e 1799 e em sua Visitas Pastorais, registrou através de seus levantamentos diversos dados que são os mais completos sobre a vila, indicando costumes, enterramentos, igrejas e Irmandades Religiosas.

⁴ Livro das Visitas Pastorais, feitas pelo Monsenhor Pizarro no ano de 1794.

⁵ Lado da nave das igrejas onde são lidas as Epístolas, lição do antigo ou do novo Testamento, que precede o primeiro Evangelho da Missa – lado direito de quem olha para o altar.

⁶ O primitivo cais estava sempre sofrendo obras. Ver Livro de Eleições, Posses e Concordatas da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila de Paraty, 1831 – 1955 às p. 32 v. e 33.

⁷ O Impérios do Divino Espírito Santo eram pequenas capelas situadas nas proximidades do largo das igrejas onde se realizavam as Festas do Divino, para abrigar as peças principais utilizadas nos festejos como a salva, a coroa e o cetro, onde eram entronizados em retábulo com dossel.

livro de Atas da Câmara Municipal de 1853. Segundo este livro, em sessão de 6 de outubro de 1855 o Secretário Joaquim José de Souza dirigiu Ofício ao seu procurador, com o seguinte teor:

[...] A Câmara Municipal desta Cidade, deliberou que V.Sa., mande quanto antes, mandar tapar o lugar que serve de Império do Espírito Santo, afim de evitar que ali se continue a lançar imundícias, e tornar-se foco de infecção danosa à saúde pública (REGISTRO DE OFÍCIOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE PARATY, 1853, p. 93-93v).



Figura 01 – Imagem de Nossa Senhora dos Remédios, madeira policromada - Séc. XVIII.
Fonte: Arquivo MASDP, Paraty – RJ



Figura 02 – Igreja Matriz de Nossa Senhora dos Remédios, fins do século XIX, ainda com o rocío. Fonte: Arquivo IHAP, Paraty – RJ

A religiosidade em Paraty

O tema da religiosidade atravessa todas as culturas, em todos os tempos - e pode ser identificado, numa acepção mais simples, como a tendência que um grupo social apresenta para os sentimentos religiosos e as coisas sagradas. O termo remete ainda “aos numerosos aspectos da atividade religiosa, dedicação e crença religiosa”⁸; ou mesmo às práticas culturais relativas aos símbolos e doutrinas que se referem ao que cada grupo cultural valoriza como “sagrado” e que envolvem variadas dimensões no âmbito da cognição, do sentimento e da ação⁹. Em termos comportamentais, a religiosidade pode ser expressa sob a forma de práticas religiosas e/ou participativas que têm como fim aproximar o indivíduo ou grupo daquilo que se considera “divino”: o fundamento é o impulso que faz com que cada indivíduo ou grupo busque entrar e/ou permanecer com contato com este “plano” - *re-ligare*. Mais ampla do que a prática religiosa em si, a religiosidade implica um diálogo espiritual com o plano “divino” que pode impregnar todas as crenças e comportamentos de um indivíduo ou grupo, ao longo

⁸ HOLDCROFT, Barbara, 2006, p. 89–103.

⁹ CORNWALL; Albrecht; CUNNINGHAM; Pitcher, 1986, p. 226-244.

de sua existência; e que alimenta seus padrões de valores e suas formas de estar no mundo.

Este é o caso de Paraty, cuja sociedade é historicamente atravessada pelo sentimento religioso cristão e por um conjunto de práticas comunitárias que envolvem as irmandades religiosas, desveladas por meio de uma religiosidade em parte espontânea, em parte construída, compartilhada em rituais ligados à Igreja, mas que incorporam traços e padrões comportamentais advindos de outras matrizes – como a indígena e a africana.

Conforme registrou em 1922 Samuel Nestor Madruga Costa, Presidente da Câmara de Paraty, no Jornal a “A Razão”, a religião em Paraty não era apenas uma devoção; era uma obrigação também:

[...] Não admiram pois a prosperidade a que atingiram o culto católico e o prestígio que desfrutavam o clero do distrito desta Villa. E de reconhecer, entretanto que o sentimento religioso católico era alimentado sinceramente pela grande massa da população, fosse pela educação, fosse pela ausência de propaganda de outro culto ou outra seita contrários que a ordem política então não permitia (JORNAL A RAZÃO, 1922, p. 1-3).

Este dado vem reforçar a próspera e destacada situação religiosa da cidade, que necessariamente comportava grande número de sacerdotes. Segundo informações de Madruga Costa, que atuava com o Vice-Presidente José Vieira Ramos, no início do século XX,

[...] A população da terra era laboriosa, ordeira e religiosa - o seu labor é atestado pelas criações de ordem material que sobexistem muito em desproporção com a população diminuta. Que talvez nunca atingisse a quinze mil almas. Ha neste município, sem algum, o esforço concretizado de uma população de cinquenta mil habitantes durante muitos lustros, as igrejas monumentais, o Hospital, as longas ruas calçadas, as edificações urbanas atuais e as que desapareceram, o cais soterrado a margem o rio, as fazendas que existem, as que ruíram pelo abandono, a estrada da serra, etc. (A RAZÃO, 1922, p. 1-3).

Destaque-se que as recomendações da Contra-Reforma também permaneceram presentes durante séculos no cotidiano paratyense e determinaram o fortalecimento da espiritualidade e da fé cristã. Neste contexto a Igreja promoveu, além dos locais de culto à liturgia, a confecção dos objetos, as procissões e festas religiosas. Os santos, como atores vivos ricamente vestidos e adornados de joias - coroas, resplendores em prata e ouro, além de brincos, anéis, cordões e rosários - eram transportados nos dias de suas festas pelas ruas da "cidade", em procissão solene, em andores ornamentados com palmas e flores locais. Esses ricos cortejos despertavam a fé popular, abrilhantados pelos sons das bandas de música e dos sinos das igrejas. As

Irmandades e as residências das ruas por onde o cortejo passava exibiam nas janelas colchas, toalhas, castiçais e jarros com flores. Até meados do século XX, os jornais da cidade ainda solicitavam aos moradores das ruas por onde as procissões passassem o favor [...] de terem assejadas e alcatifadas de flores e folhagens a frente de suas residências (O PHAROL, 1907, p. 4). O itinerário de costume compreendia a Rua do Comércio, atual Tenente Francisco Antônio, Rua do Couto, atual Rua Aurora, a Travessa e Rua Santa Rita, a Rua do Mercado, atual Dona Geralda e a Praça da Matriz.

O Registro das Posturas da Câmara Municipal da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, datado de 1824 e aprovado em 25 de outubro de 1831, além de garantir a ordenação do núcleo no que se refere às construções, conservação das casas, higiene, proteção, silêncio e sossego público, ordenava também a moral e a religião:

[...] Hé proibido a todo o negociante de fazendas seccas, ter francamente as portas de suas lojas abertas nos dias de Natal, Páscoa, Espírito Santo e Padroeira, pena de 1\$000 reis de condenação. Na mesma pena incorrem todos as das demais casas de negócio, que as não fecharem na ação de passar qualquer Procissão, ou o Santíssimo Sacramento (POSTURAS MUNICIPAIS, 1829, Artigo 39).

Eram obrigados os moradores da cidade a deixar livre trânsito nas ruas e lampiões acesos nas noites em que não houvesse lua, desde seu início até as 22 horas, e sendo rua por onde passassem as procissões, eram obrigados a tirar tudo quanto poderia impedi-las ou faze-las indecentes.



Figura 3 - Procissão do Divino Espírito Santo na Rua da Cadeia, atual Marechal Deodoro, década de 1950. Fonte: Arquivo IPHAN – Paraty, RJ.

No cotidiano setecentista, além do incentivo às devoções na vida terrena havia uma grande preocupação com a saída do mundo dos vivos e a sua entrada no mundo celestial; e neste caso a igreja representava a passagem para o portal do paraíso. Os

moradores não deixavam de prestar à fábrica¹⁰ as suas contas, desde os ofícios religiosos até enterramentos no interior dos templos, com acompanhamento pela cruz de funeral, na encomendação e missas para sufragar as almas. Os preços variavam entre libertos, cativos, adultos ou inocentes, e por cada dobre de sinos em enterros e ofícios, excetuando os determinados pela constituição. Em 1794, Monsenhor Pizarro critica esta prática:

[...] Daqui procedia, para o que se perceberem avultados 80rs, não cessavam os sinos desde o instante do falecimento, até ser enterrado o cadáver a sepultura. Esta insuportável prática proibi, e recomendei ao pároco a observância da mesma determinação, que se cingiu só naquelas ocasiões próprias, e que são do prudente costume geral (ARAÚJO, 1794, p. 38v a 45v).

Em 18 de abril de 1835 foi assinada a Portaria do Governo Provincial que mandava proibir os enterramentos dentro dos "Templos", ou no interior da "Cidade", e fundar em lugar conveniente um cemitério, encerrando assim as atividades nos columbários das igrejas de Santa Rita e Nossa Senhora das Dores, no perímetro urbano. Foram feitas recomendações para a sua instalação no morro além do rio Perequê-Acú, à esquerda da entrada que vai para a Jabaquara. Para a demarcação do terreno necessário para o dito cemitério, contendo 25 braças de frente e 60 de fundos – de propriedade do Cidadão Luiz Manoel de Almeida, residente na Côrte, foi necessário a Câmara ver junto ao Governo Provincial como proceder às formalidades legais acerca da indenização e desapropriação de sua propriedade:

[...] tendo... resolvido empreender a factura de hum Cemitério fora do povoado para jazigo dos mortos, por ser inteiramente prejudicial a saúde publica o enterramento dos cadáveres no recinto dos templos... roga por isso a pessoal assistência de V.Sa., no dia 25 de maio próximo futuro para que juntamente com Comissão de Saúde Pública demarcou nas imediações desta cidade o lugar mais apropriado (REGISTRO DE OFÍCIOS, 1835, p. 112).

A partir de então, os cortejos de sepultamentos saíam das igrejas no núcleo urbano e se dirigiam para o novo cemitério, no morro próximo; e até meados da década de 1960 os sinos, após a encomendação do corpo, não cessavam de tocar até o momento de baixar o corpo à sepultura, verificando-se aí a manutenção dos valores e formas tradicionais de comportamento e religiosidade.

¹⁰ Entidade que representa oficialmente a igreja em todos os assuntos de ordem administrativa.



Figura 04 - Cemitério construído no morro à entrada da Jabaquara em 1856.
Fonte: Acervo Carlos José Gama Miranda.

As Irmandades e as festas religiosas

Grande parte da dinâmica social dos paratyenses se articula em torno das festas religiosas, organizadas por irmandades fundadas, em sua maioria, ao longo do século 18 – à quais se associaram, desde então, os habitantes da cidade. Essas irmandades, além de responsáveis pela conservação dos templos e do seu patrimônio, são há quase quatro séculos encarregadas dos atos litúrgicos no interior das igrejas, incluindo as festas religiosas em homenagem aos seus oragos.

A intensa participação dos habitantes da cidade e arredores vem garantindo a permanência, no tempo e no espaço de Paraty, desse riquíssimo conjunto de traços culturais que sintoniza fé religiosa, memória, tradição e criatividade e que chega aos dias de hoje sob a forma de práticas ritualizadas de grande apelo religioso e popular. A seguir, apresentamos características das mais importantes Irmandades de Paraty e suas relações com os processos e produtos das comunidades locais.

A mais antiga Irmandade é a do **Santíssimo Sacramento**, com Compromisso¹¹ aprovado pelo Exmo. Sr. D. Francisco de S. Jerônimo em data provavelmente anterior a 1722, uma vez que este faleceu no ano de 1721; e instalada na Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Possuía 06 sepulturas na capela-mor e em fins de século XVIII seu patrimônio consistia em 1\$969 braças de terras e 800\$rs em crédito. Era a responsável pelas cerimônias principais da igreja e em especial a do Corpo de Deus, quando desfilava pelas ruas enfeitadas com tapetes de folhagens coloridas, levando sob o pálio a rica custódia em prata do século XVIII com o Santíssimo Sacramento, ladeada pelas lanternas e precedida de guião e cruz alçada. Eram também de sua

¹¹ Segundo Monsenhor Pizarro, este Compromisso desapareceu em mãos do Vigário Gabriel Gonçalves Lobo, foi reformado pelo governador do Bispado Dr. Manoel de Andrada Warneck [sic] e confirmado em 10 de agosto de 1768.

responsabilidade alguns atos da Semana Santa - como o Ofício de Trevas na Quarta-Feira Santa, cerimônia realizada no interior da Matriz, com a instalação do Candelabro de Trevas, ou Tenebrário, composto de quinze bocais para velas escalonadas representando os Apóstolos, que vão sendo apagadas uma a uma ao final de cada leitura. A última vela, no ápice do triângulo, não se apaga: é levada à parte posterior do retábulo; representa Jesus Cristo, que é retirado, ocultado e retorna a aparecer como luz do mundo, colocado no candelabro para iluminar todos os homens. Quando esta vela é retirada, simboliza as trevas: era costume as pessoas provocarem ruídos no assoalho da igreja, invocando o tremor e transtorno no momento da morte de Jesus Cristo.

A transladação e guarda do Santíssimo Sacramento ainda é realizada na Quinta-Feira Santa no interior da igreja, para retábulo montado com esta finalidade. Até os anos 1960 esta cerimônia durava toda a noite, prolongando-se até o dia seguinte, algumas vezes no retábulo-mor, outras no de Nosso Senhor da Cana Verde, no Consistório da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, situado no pavimento superior à sacristia da igreja Matriz. A guarda podia ser feita nesse altar porque neste dia a imagem do Senhor da Cana Verde não se encontrava no local, devido a sua participação na Procissão do Fogaréu. Este tipo de organização, da qual muitos membros da comunidade chegaram a ter conhecimento até meados do século XX, é reminiscência da trajetória da Igreja Matriz, que abrigou inclusive outras devoções, que posteriormente vieram a ter templos próprios. Conforme se verifica nos documentos, em 1794 ainda não existia a Igreja de Nossa Senhora das Dores e sequer havia sido iniciada a sua construção: naquela ocasião, a imagem de Nossa Senhora das Dores ocupava o terceiro “altar” da igreja Matriz, atual “altar” do Santíssimo Sacramento, no lado do Evangelho¹², uma vez que a imagem de Nossa Senhora dos Remédios encontrava-se no primeiro:

[...] Altares tem 1.º o Major: neste acha-se colocada a Imagem de Nossa Senhora dos Remédios Padroeira, o ornato dos degraus da banquetta, e trono eram de papéis pintados, e doirados, como costumam fazer as crianças com os seus Oratórios; eu os fiz tirar a mesma vista, e proibi a continuação deste uso, recomendando em capitulo de Visita ao R. Vigário, debaixo da pena de 40 cruzados para a Fábrica, a observância desta proibição (ARAÚJO, 1794, p.38v-45v).

Os ornatos descritos por Monsenhor Pizarro fazem referência ao uso das palmas de altar, muito difundido no século XVIII, não havendo altar que não tivesse este tipo de enfeite, pois não se usavam flores naturais. As palmas, símbolo da imortalidade e do

¹² Lado da nave das igrejas onde se lê ou se canta o Evangelho, do grego: Boa Nova; lado esquerdo de quem olha para o altar.

paraíso, espécie de objeto decorativo em madeira, malacacheta, couro, papel, lata, pedra sabão, prata ou outro metal, em Paraty eram confeccionadas em papel laminado e adornadas com flores, que se colocavam em suportes de madeira torneada ou em ânforas ou vasos de prata ou outro metal, entre os castiçais, na banquetta e nos degraus do trono dos retábulos das igrejas. Este costume passou a ser revivido na cidade a partir da década de 1980, a partir de instruções recebidas dos artesãos da cidade de Sabará, em Minas Gerais, quando se conseguiu recuperar esta técnica de fatura.

Em pesquisa encontramos registros fotográficos do nicho de N. Sa. dos Remédios, com as palmas em seu interior e as ânforas em madeira policromada e metal prateado que lhes servem de suporte. No ano de 2019, durante a Primavera de Museus, o Museu de Arte Sacra de Paraty promoveu uma oficina de confecção de palmas, que teve grande sucesso – contando com a participação de membros das comunidades urbana e rural e até de comunidades vizinhas, como São Sebastião - SP.



Figuras 05 e 06 - Oficina de palmas – setembro 2019. Fotos: Julio Cezar Dantas, 2019.

A cerimônia que a Irmandade do Santíssimo desenvolvia com o maior brilhantismo era a Procissão da Ressurreição, no Domingo da Ressurreição, às 5 horas da manhã - após a qual era celebrada missa solene. Esta procissão era realizada após o celebrante ter entoado três vezes na urna do altar-mor o *Surrexit Dominus* - "O Senhor ressuscitou verdadeiramente": a ela compareciam todas as Irmandades religiosas de Paraty. Sob o pálio era conduzida a custódia, como o Santíssimo Sacramento.

Em todas as cerimônias da Semana Santa de Paraty, além da orquestra e coral, participavam as duas bandas existentes na cidade, a Lira da Juventude e a Vinte e Cinco de Dezembro. A primeira tinha maior participação nas cerimônias religiosas.

[...] Em toda a festa compareceu a bem disciplinada banda de música, Lyra da Juventude apresentando-se em primeiro uniforme nos dias quinta, sexta e sábado e em segundo uniforme (branco) no Domingo da Ressurreição, sob a maestria inteligente do professor Lindolpho Pinto da Silva (O PHAROL, 1907, n. 33, p. 2).

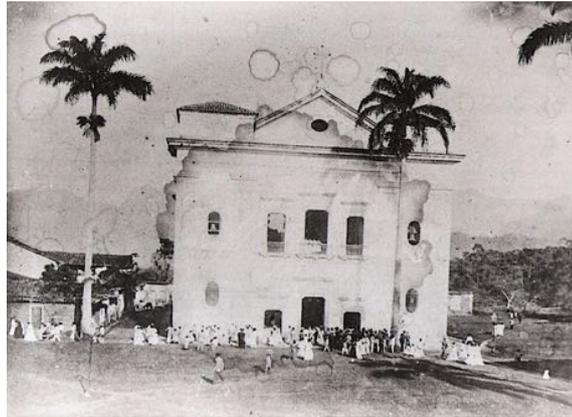


Figura 07 - Saída da Missa após a Procissão da Ressurreição.
Fonte: Arquivo Noronha Santos – IPHAN.

Rica em alfaias, conforme atestam os seus livros de inventário¹³, esta Irmandade era integrada somente por homens de destaque da cidade, os quais trajavam opa na cor púrpura, com uma custódia bordada no lado esquerdo, com fios dourados e aljôfares. O Provedor transportava vara em prata. A Irmandade confortava os doentes através do "Santo Viático", comunhão levada pelo sacerdote aos enfermos moribundos, em uma píxide de prata que o padre portava ao pescoço - sob o pálio, precedido pela irmandade, com campainhas e velas acesas, como uma pequena procissão. A passagem do pequeno préstito, anunciado pela campainha, cessava o burburinho da rua e os transeuntes se ajoelhavam diante do Santo Viático. Esta peça ainda integra a coleção de prataria da Paroquia de Paraty, hoje no Museu de Arte Sacra, situado na Igreja de Santa Rita.



Figura 08 - Extrema unção levada a um doente.
Fonte: Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil,
Jean Baptiste Debret, p. 189



Figura 09 - Píxide – século XVIII.
Fonte: Acervo MASDP. Foto: Julio Cezar
Dantas

¹³ As alfaias e objetos pertencentes a Irmandade do Santíssimo constam de Livro iniciado em 1836 com encerramento em 30 de abril de 1863.

A Irmandade de **Nossa Senhora dos Remédios** foi fundada em 04 de agosto de 1729, conforme seu Compromisso, confirmado por autoridade do Sr. Fr. Antônio de Guadalupe, com provisão no ano de 1768 e compromisso firmado em 7 de fevereiro de 1792. No século XVIII possuía duas moradas de casas de sobrado na Rua da Praça, três lanços de casas térreas - na rua que ia da Igreja do Rosário para a Boa Vista - e algumas braças de chão em frente a algumas casas que se ergueram no ano de 1792, confrontando-se com as casas de Domingos Fernandes Vieira e do Capitão Manoel de Almeida Cruz. Tinha 12 sepulturas das grades da nave para cima e seis junto à casa da Fábrica. Esta Irmandade, integrada por homens e mulheres que trajavam opa branca e possivelmente murças, com as iniciais NSR no lado esquerdo e portavam a vara de provedor em prata, encimada pela efigie da santa, era a responsável pela Festa da Padroeira da cidade. A festa era composta de ladainha durante nove dias, iniciando-se no dia 30 de agosto e encerrando no dia 7 de setembro, com o traslado da imagem de Nossa Senhora dos Remédios da Igreja de Santa Rita para a igreja Matriz, costume que se mantém até hoje - e faz referência ao período do século XIX em que a Matriz esteve em obras e a igreja de Santa Rita serviu a todos os atos. Com a finalização das obras, as imagens retornaram para a Matriz em procissão.

Conforme se verifica no estatuto da Irmandade de Santa Rita, uma das obrigações dos Irmãos era acompanhar a imagem de Nossa Senhora dos Remédios durante o traslado para a Matriz, revestidos de opas com os bandões acesos. Durante a novena uma imagem pequena de Nossa Senhora dos Remédios visitava as casas; outra, de menor porte, visitava os doentes em peregrinação, durante todo o ano, costume que se mantém até hoje na região de Lamego, em Portugal. A imagem era chamada pelo antigos paratyenses de Nossa Senhora dos Remédios Peregrina.



Figura 10 - Andor de N. S. dos Remédios em procissão, década de 1950. Fonte: Acervo de Julio Cezar Dantas

Figura 11 - Andor de N. S. dos Remédios década de 1970. Foto: Julio Cezar Dantas

O encerramento da festa era com missa solene e procissão no dia 8 de setembro, dia da Natividade de Nossa Senhora, com a imagem ladeada pela Irmandade com as insígnias e guião, percorrendo o itinerário de costume, precedida dos andores de São Joaquim, Santana e São José, além de virgens e anjos¹⁴, que após o *Te Deum* recebiam os famosos cartuchos de doces em formato de cornucópia. Em 1897 a Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios distribuiu trinta cartuchos. Existem relatos nos jornais do início do século XX sobre a presença da Câmara, ladeando o andor de Nossa Senhora com as suas varas e pavilhão. Após a procissão solene e *Te Deum Laudamus* de encerramento, fazia-se leilão de prendas. Por ser realizada em setembro, era costume apresentar as danças típicas desta época - Jardineira, em homenagem à primavera e Dança das Fitas, em homenagem à árvore, encerrando com a queima de fogos de artifício.

A **Irmandade de São Roque** foi fundada no ano de 1721, sendo o seu compromisso aprovado em 06 de novembro de 1722, pelo Revmo. Governador do Bispado Dr. Warnek, por Portaria de 04 de setembro de 1752 - mandada passar pelo Bispo D. Fr. Antônio do Desterro, em provisão de 10 de agosto de 1768. Esta Irmandade possui altar próprio na igreja matriz. S. Roque, o primeiro padroeiro da cidade e protetor dos doentes com feridas incuráveis, comemorado no dia 16 de agosto com missa incensada, algumas vezes precedida de um tríduo. Na tarde do mesmo dia era realizada a procissão, com a imagem conduzida em rica charola em madeira entalhada¹⁵; além de seus atributos a imagem levava na mão uma quantidade de fitas, conhecidas como medidas de "São Roque", que eram distribuídas aos fiéis após o *Te Deum Laudamus* no interior da igreja para proteção contra pestes e doenças. Esta procissão era precedida pela cruz em prata e pelo estandarte do santo. Os irmãos, somente homens, trajavam opa azul ultramar e traziam a vara em prata da provedoria. Em 1913 não foi realizada a festa, uma vez que o saldo existente na Irmandade foi destinado para a "[...] encarnação da imagem, conserto do andor e reforma da banquetta respectiva" (O PHAROL, 1913, p. 4).

¹⁴ Meninas e meninos da comunidade – costume que se perpetua até os dias atuais.

¹⁵ Informações fornecidas nos anos 1970 por Valdomiro Brás da Conceição, natural de Paraty, com 70 anos de idade.

A **Irmandade de São Miguel e Almas**¹⁶ foi fundada em 07 de julho de 1728, conforme compromisso confirmado pelo Sr. Guadalupe, com Provisão datada de 11 de agosto de 1768. Possuía 12 sepulturas e não constava patrimônio em seu nome. Com altar próprio na igreja matriz, esta irmandade comemorava seu orago no dia 29 de setembro e tinha como incumbência sufragar as almas dos irmãos falecidos, acompanhando enterros e realizando ofícios aos mortos. Sua festa compunha-se de tríduo e celebração de missa, acompanhada de cânticos em louvor a São Miguel, após a procissão, que saía às ruas da cidade conduzindo a imagem com os seus atributos principais: a balança, símbolo do julgamento da aceitação precedente da Justiça Divina, destinada à pesagem das almas boas e más; esta geralmente está associada a uma lança, uma espada e ao estandarte que o santo traz na mão direita, com a inscrição latina: *Qui/ut/Deo* ou "quem como Deus".

Os membros da Irmandade, todos homens, trajavam opa na cor verde e portavam a vara de provedor encimada pela efígie do santo, em prata. Esta Irmandade sempre realizava ofícios no oratório público, denominado Cruz das Almas e localizado na Rua Presidente Pedreira, antiga rua de acesso à entrada da cidade e saída para a serra, em direção ao Largo do Rocio, ou campo da execução. Segundo informações este oratório possuía ao centro tampa em metal com fenda, destinada à coleta de esmolas para as almas; era também o local das últimas orações feitas pelos condenados.



Figura 12: Foto do Oratório da Cruz das Almas, década de 1950.
Fonte: Arquivo Noronha Santos – IPHAN/RJ

¹⁶ Alípio Mendes, em “O Velho Convento”, atribuiu a fundação da Confraria das Almas na Igreja Matriz de Paraty ao Vigário Padre Simão Peres e ao tropeiro João Barbosa, posteriormente conhecido como Frei Fabiano de Cristo (MENDES, 1991, p. 43-45).

A **Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos** foi fundada pelo Sr. Bispo D. Fr. Antônio de Guadalupe antes do ano de 1721. Seu Compromisso foi aprovado em 22 de novembro de 1726, e confirmado em Provisão de 11 de agosto de 1768. Esta Irmandade - também chamada de Nosso Senhor dos Passos, ou Irmandade de Passos, era responsável, juntamente com a de Nossa Senhora das Dores, pela Semana Santa de Paraty¹⁷. No final do século XIX entrou em decadência, e a Irmandade do Santíssimo Sacramento assumiu esta responsabilidade, conforme se verifica nestas notícias de 1892: "[...] A Mesa Administrativa da Irmandade do Santíssimo Sacramento, comemorou este anno com toda a pompa e magnificência os atos solenes da Semana Santa" (O PARATYENSE, 1892, n. 53, p. 2). A decadência da Irmandade de Nossa Senhor dos Passos também fica evidenciada na seguinte notícia: "[...] Irmandade de Passos constanos que por estes dias, vae se reunir esse Irmandade afim de reorganiza-la convenientemente" (O PARATYENSE, 1892, n. 53, p. 2). Seus membros trajavam balandrau¹⁸ em tafetá na cor púrpura, forrada internamente de palha de seda na cor roxa.

Embora a Irmandade fosse integrada por homens e mulheres, conforme atesta o livro de irmãos datado de 1800 a 1831, a Procissão de Passos, quando saía da igreja da Matriz, era acompanhada apenas por homens. Das cerimônias sob a sua responsabilidade, destacava-se a da "Sexta-feira de Passos", última Sexta-feira da quaresma, antes do Domingo de Ramos, quando saía às ruas de Paraty a Procissão do Encontro ou de Passos. A procissão percorria os seis Passos da Paixão existentes no perímetro urbano, no itinerário de costume, finalizando no interior da igreja Matriz, onde era exposto o Senhor Crucificado no Calvário, correspondente ao último Passo da Paixão. Após o sermão as cortinas eram cerradas, só ocorrendo o Descendimento da Cruz na Sexta-Feira Santa, para a Procissão do Senhor Morto ou Enterro.

¹⁷ O Setenário de Nossa Senhora das Dores na Igreja de Nossa Senhora das Dores é a primeira celebração religiosa, ainda no período da quaresma, na semana precedente à Semana Santa ou Semana Maior, devoção iniciada em Portugal. O primeiro Setenário foi baseado no livro: Gemidos da Mãe de Deus Aflita do Padre Theodoro de Almeida em 1785.

¹⁸ Espécie de opa com murça e capuz atada por cordão de seda com borla que cobria a cabeça, quando conduziam o esquife e o pálio do Senhor Morto, nas procissões do Enterro na Sexta-Feira Santa. No lado esquerdo estava bordado, em fios metálicos, seda e aljofares, o símbolo da Irmandade - uma coroa de espinhos, tendo ao centro os três cravos encimados pela cruz.



Figura 13 - Procissão de Passos.
Fonte: Acervo Décio Ramiro de Alcântara



Figura 14 - Passo da Flagelação.
Fonte: Acervo PASCUM

Em programa da Festa da Semana Santa, publicado no jornal *A Razão*, de 1918, podemos verificar que a Irmandade do Santíssimo Sacramento comemorava a Paixão, Morte e Ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo na Igreja Matriz, chamando atenção no início do mesmo, para a Sexta de Passos:

[...] Procissão do Encontro, sahindo a sagrada imagem do Senhor dos Passos, as 16 1/2 do dia, da Igreja Matriz e a Santíssima Virgem, da Capela de N.S. das Dores, tendo lugar o Encontro na Praça Mauricio de Abreu, esquina da rua D. Geralda sendo pregado nessa ocasião sermão alusivo ao acto, em tribuna armada para esse fim. Em seguida a procissão percorrendo a dita rua Dona Geralda, Praça 15 de Novembro, entrará na Igreja Matriz sendo, nessa ocasião, exposto o Senhor Crucificado no Calvário, havendo sermão ao entrar da procissão. A Igreja Matriz assim como os demais passos bem ornamentados, serão franqueados aos fiéis que queiram visitá-los, depois da procissão (*A RAZÃO*, 1918, n. 27, p. 3).

À frente dessa procissão, além da cruz processional ladeada pelos acólitos, seguia um irmão, ostentando um enorme estandarte ou pendão em tecido roxo, com as iniciais S.P.Q.R. (*Senatus Populusque Romanus*)¹⁹ ao centro, bordadas a ouro, para manifestar que aquela sentença a impunha o senado e o povo romano. Na Procissão do Enterro o estandarte costuma ser carregado na posição horizontal, em sinal de luto²⁰. Encerrava o cortejo o pálio com a Cruz Relicário que era depositada no interior dos Passos antes das orações.

A Irmandade de Passos realizava a Procissão da Prisão ou do Fogaréu na Quinta-feira Santa, com a imagem de Nosso Senhor da Cana Verde, também chamada de Procissão de Endoenças, devido a ser a Quinta-Feira Santa denominada Quinta-Feira de Endoenças, dia de indulgência e penitência: era o dia de visitas às igrejas e ao

¹⁹ Que significa – o Senado e o povo romanos.

²⁰ Em algumas cidades do interior do país, esta peça é também chamada de guião.

Santo Sepulcro, em que estava exposto o Santíssimo Sacramento. Saía da Igreja Matriz em marcha acelerada, acompanhada somente por homens; mulheres e crianças eram proibidas de ver o cortejo passar. As ruas escuras eram iluminadas por grande quantidade de archotes e velas, daí o seu nome "Fogaréu". A procissão visitava todas as igrejas de Paraty, entrando pela porta lateral e saindo pela porta da frente. Na Sexta-Feira Santa, também chamada de Sexta-Feira Major, às 10 horas, era realizada a cerimônia da Paixão, com adoração da cruz e missa dos Pré-santificados²¹. Às 21 horas era realizado o Descendimento da Cruz. O Senhor Crucificado, imagem do século XVIII em tamanho natural, com articulações nos braços, pernas e cabeça, anteriormente exposta no Calvário, compreendendo o último Passo da Paixão, correspondente à Procissão do Encontro, realizada na Sexta-Feira de Passos, era então descida da Cruz. A cerimônia tem até hoje um cunho teatral e emocional inteiramente ligado aos desejos sempre crescentes de atingir a perfeição, naturalismo e dramaticidade presentes no desenrolar da vida religiosa dos séculos XVII e XVIII. A imagem é descida pelos braços e depositada em um esquife²². Fato curioso nesta cerimônia é que essa imagem de Jesus Cristo, utilizada no Calvário e no descendimento, não sai às ruas na procissão do Senhor Morto, pois atrás das cortinas já está preparado outro esquife²³ para essa finalidade: imagem também de época, só que em menor tamanho, mais leve. Aqui fica evidenciado o caráter dramático e teatral desta cerimônia.

Às 22 horas saía às ruas de Paraty a comovente procissão do Senhor Morto ou do Enterro. Segundo os jornais do início do século XX, algumas senhoras da cidade chegavam a sentir-se mal durante a passagem do cortejo. O esquife era carregado pelos irmãos, trajando o balandrau, com a cabeça coberta pelo capuz, sob o pálido, seguido pela imagem de Nossa Senhora da Soledade²⁴. Compareciam todas as outras irmandades das igrejas de Paraty. O préstito era composto de cruz processional e do guião da Irmandade de Nosso Senhor dos Passos, na posição horizontal, em sinal de luto, seguido dos anjos portando os símbolos da Paixão de Cristo.

Esta procissão fazia paradas diante dos Passos da Paixão para exposição da Veronica, que ao encerrar seu canto em face de Jesus Cristo já deveria estar enrolada. Ao entrar na Igreja Matriz era realizado o Sermão de Lágrimas ou da Soledade; e havia

²¹ Tem este nome devida às hóstias serem consagradas na missa de Quinta-Feira Santa.

²² Isto se dá na presença de personagens figurados como Nossa Senhora, São João, Maria Madalena e Veronica, sendo esta representada por um Anjo Cantor.

²³ Segundo depoimento de Mauro Santana Núbile, natural de Paraty, em fins do século XVIII foi encomendada outra imagem mais leve para facilitar o transporte nas procissões, uma vez que era conduzida por padres.

²⁴ Imagem de vestir possivelmente oriunda de Portugal, datada de 1767 conforme inscrições encontradas em seu interior durante uma intervenção para correção estrutural.

exposição do Senhor Morto no sepulcro e da imagem de Nossa Senhora para o "Beija-Mão", quando todos os presentes iam beijar a mão direita do Senhor Morto, exposta no lado de fora do esquife para facilitar a genuflexão e o beijo.

Existem informações que denotam a persistência, na primeira metade do século XX, de uma grande preocupação em persuadir e atrair emocionalmente as pessoas, como era típico da cultura do século XVIII:

[...] Os andores em que foram collocadas as sagradas imagens, assim como o Calvário, o esquife e o sepulchro onde foram expostas as imagens do Senhor Crucificado e Senhor Morto, foram confeccionados e ornamentados caprichosamente athraindo a atenção de todos os presentes (A RAZÃO, 1918, n. 33 p. 3).

No Sábado de Aleluia, também chamado de Sábado Santo, era realizada a benção do fogo novo, da pia batismal e do círio pascal. Havia também as Profecias e a Missa Solene, que ostentava um caráter de extremo júbilo, em contraste com a tristeza interna da Sexta-Feira Santa, como podemos observar no seguinte noticiário:

[...] Tiveram logar no Sabbado d'Alleluia as seguintes cerimônias: a benção d'agua, do novo fogo, do círio pascal, offício d'Alleluia, ladainha de todos os Santos e em seguida a missa cantada, descobrindo-se o majestoso e bem ornado throno do altar mór e todas as imagens por ocasião do Gloria in Excelsis Deo, soando ao mesmo tempo, as campas e sinos de todos os templos d'esta cidade (O PHAROL, 1907, n. 33, p. 1).

A documentação consultada faz ainda menção à presença, em Paraty, da **Confraria de Nossa Senhora do Terço**²⁵, como relata Samuel Nestor Madruga Costa, no artigo "Paraty no ano da Independência" V - O Distrito e a Vila – Ligeiro esboço (A RAZÃO, 1922, p. 1-2) e da vara de provedor em prata, bem como da existência, na Igreja Matriz, do retábulo e imagem desta invocação.

No Brasil existem diversas imagens de Nossa Senhora do Rosário também, identificadas como do Terço, que tiveram lugar de destaque em retábulos laterais das antigas matrizes, como é o caso da Matriz de Nossa Senhora dos Remédios em Paraty; Matriz de Cunha e Guaratinguetá, SP, após a construção das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário pelos negros. Em Paraty, o retábulo de Nossa Senhora do Terço da Igreja Matriz ficou por muitos anos sob a responsabilidade da Pia União das Filhas de Maria, Irmandade fundada em 15 de agosto de 1933 e que não teve vida longa.

Na Igreja Matriz também eram realizadas outras festas que, embora não tivessem Irmandades próprias, utilizavam o mesmo espaço e compartilhavam com as

²⁵ Cujos estatutos foram enviados em 1812 para a Mesa de Consciência e Ordens, visando sua "Real Confirmação" (Arquivo Nacional, 1812, DA 36, PACOTE 01).

Irmandades atuantes um mesmo objetivo: a celebração da fé cristã. A festa de São José era realizada no dia 19 de março, às vezes precedida de tríduo, encerrando-se com procissão do Santo pelas ruas da cidade, Missa Solene e Leilão de Prendas. Em maio era celebrado o Mês de Maria, tradição iniciada em 1907 na Igreja de Santa Rita, no retábulo de Nossa Senhora da Conceição, sob a coordenação de Zulmira do Amaral. Durante todo o mês de maio sucediam-se as ladainhas, terços, ofertas de flores, e no dia 31 de maio havia Missa Solene e procissão, terminando a festividade com a Coroação de Nossa Senhora e *Te-Deum*²⁶. Quando passou a ser realizada na Igreja Matriz, ficou sob a coordenação do Apostolado da Oração do Sagrado Coração de Jesus, que na época estava recém fundado em Paraty. O Mês de Maria era o momento para congregar as senhoras e os jovens da cidade, e também grande quantidade de crianças vestidas de anjo e moças vestidas de virgem, que no último dia eram contemplados com os famosos cartuchos de doces.

A Festa do Divino Espírito Santo e a da Padroeira Nossa Senhora dos Remédios eram as maiores de Paraty. De origem portuguesa, em especial das Ilhas dos Açores e Madeira, a Festa do Divino chegou ao Brasil na época em que se começou a importar gado dessas ilhas. Era comemorada no Domingo de Pentecostes ou Domingo do Espírito Santo. Esta festa, por não existir Irmandade do Divino Espírito Santo em Paraty, praticamente se inicia no Domingo da Ressurreição, quando o mastro é erguido junto à Igreja e a folia do Divino - bando volante, com uma bandeira e alguns instrumentos musicais - percorre o município, angariando donativos para o Divino. Existem informações de que estas visitas culminavam com jantares e bailes tocados a viola, na zona rural de Paraty, nos locais onde pousavam os foliões.

Aproximando-se o período da Festa, a cidade se preparava e vivia intensamente esses dias, sob os comandos de um festeiro escolhido entre as pessoas de destaque da comunidade. As ladainhas se iniciavam nove dias antes do Domingo de Pentecostes, com a igreja ornamentada nas cores branco e vermelho. Os fiéis partiam todos os dias da casa do festeiro, local onde também era montado uma espécie de trono ou altar em que ficavam expostos a salva, a coroa e o cetro do Imperador do Divino, para as orações e abrigo das bandeiras. Essa novena possuía música própria, conforme atestam as partituras intituladas "Novena do Espírito Santo", ainda existentes no arquivo da Banda Santa Cecília, atualmente sob a guarda do IBRAM.

²⁶ Samuel Nestor Madruga Costa deixa evidenciado os detalhes da procissão de encerramento do "mês de Maria" em Paraty em comentário intitulado de "A Procissão das Moças" no Jornal O Pharol datado de 09/06/1907, p. 3.

No Sábado, havia distribuição de carne e pão aos pobres, como era de costume fazer na Corte do Rio de Janeiro, e também aos presos da cadeia, enquanto o bando precatório recolhia nas ruas esmolas para a festa. Era também servido o almoço do Divino na casa do festeiro e, no período da tarde, realizavam-se jogos e brincadeiras como o pau-de-sebo, a corrida de saco e o leitão ensebado. Neste dia era costume aparecerem as figuras do boi, acompanhado do cavalinho e da Miota, e um rapaz tocando caixa, que divertia as crianças e fazia molecadas com suas correrias. Este boi de pano, em armação de taquara revestido com tecido pintado, é referência do gado que vem para o país no século XVII; durante as brincadeiras ou no encerramento da festa é também dividido em pedaços, em cantiga intitulada “Embolada” – com versos alusivos às pessoas de destaque e famílias tradicionais da cidade, cantados pelo capinha do boi.



Figura 15 - Trono da Casa do Festeiro do Divino Espírito Santo - 1982. Foto: Julio Cezar Dantas



Figura 16 - Coroa, cetro e salva do Imperador do Divino Espírito Santo, 1982. Foto: Julio Cezar Dantas

O Domingo do Espírito Santo, último da Festa, era despertado com alvorada pela Banda, Folia, repicar dos sinos das igrejas e grande foguetório. A missa solene se iniciava após a chegada do Imperador com seus vassallos e pajens, sendo ao final da mesma coroadado. Após, seguia para o "Império do Divino" na Praça da Matriz, onde sentava para assistir às danças em sua homenagem: Dança dos Velhos, Fitas, Jardineira, Caipô. Alguns jornais do final do século XIX mencionam a realização de cavalhadas na praça e em 1920 realizou-se uma marujada. O Imperador distribuía medalhas e lembranças da festa, exibindo na mão um anel que era beijado por todos (alusão ao beija mão). Havia também o costume de soltar presos comuns por indulgência imperial. Após as diversões, o Imperador e seus vassallos se dirigiam para a casa do festeiro, onde participavam de uma mesa de doces, acompanhados dos convidados. À tarde era realizada a procissão solene, com a imagem do Divino Espírito

Santo, bandeiras, a presença do Imperador, anjos, meninas vestidas de virgem e a incorporação de membros de outras irmandades convidadas a comparecer. Após a chegada da procissão na igreja, era realizado o *Te Deum Laudamus*.

José Reginaldo Gonçalves nos ajuda a entender essa manifestação religiosa:

Do ponto de vista dos devotos, a coroa, a bandeira, as comidas, os objetos (todos esses conjuntos de bens materiais que integram a festas e são propriedade das irmandades); são, de certo modo, manifestações do próprio espírito santo. Do ponto de vista dos padres, são apenas “símbolos” (no sentido de que são matéria e não se confundem com o espírito). Do ponto de vista dos intelectuais, são representações de uma “identidade” e de uma “memória” étnicas. Desse ponto de vista, as estruturas materiais que poderíamos classificar como “patrimônio” são primeiramente “boas para identificar” (GONÇALVES, 2007, p. 198).

A entrega da Coroa e da Bandeira ao novo festeiro, tradicionalmente feita no período da manhã, passou posteriormente, na década de 1950, para o período da tarde, após as cerimônias. A Festa do Divino Espírito Santo encerrava-se com um grande leilão de prendas e a queima de fogos de artifício.

A Festa do Sagrado Coração de Jesus era geralmente realizada em junho, em data móvel, pelo Apostolado da Oração, fundado em 1906, sob a liderança do Frei Willibrord e Zulmira Viviana do Amaral - que posteriormente viria a ser esposa de Samuel Nestor Madruga Costa, importante Magistrado e político de Paraty. Integravam o Apostolado somente senhoras casadas católicas da cidade, que usavam uniforme preto, portando ao pescoço fita vermelha e a medalha em relevo com a efigie do santo. Essas fitas variam de largura conforme o grau da pessoa - presidente, zeladoras e zeladas. Esta associação era dirigida pelo próprio vigário e a festa constava de novenário, setenário ou tríduo, missa cantada, procissão e *Te Deum Laudamus* no altar do santo, encomendado ao escultor Marino Del Favero em 1907, entronizado na Capela do Santíssimo. Existem informações da participação, na procissão, do andor de Nossa Senhora dos Remédios e das figuras das virtudes cardeais: fé, esperança e caridade, representadas por “anjos” vestidos de verde, azul e rosa. A festa encerrava-se com leilão de prendas.



Figura 19: Reabertura do Museu de Arte Sacra de Paraty – 2015. Fonte: PASCOS



Figura 20: Imagem de Santa Rita – Século XVIII. Fonte: PASCOS.

A festa de Nossa Senhora da Conceição era realizada com missa no altar da imagem; e a festa de Santo Antônio - que também possuía uma irmandade que portava ao pescoço uma fita verde - era realizada com missa solene e distribuição de pão-bento aos participantes. A festa de Santa Cecília era abrilhantada no começo do século XX pelas duas corporações musicais da cidade - Lira da Juventude e Vinte e Cinco de Dezembro, que participavam da missa, procissão e promoviam desfile musical à tarde pelas ruas da cidade.

A **Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São Benedito** foi fundada pelo Bispo D. Fr. Antônio do Desterro, em 20 de agosto de 1750 e o seu Compromisso foi confirmado em provisão de 11 de agosto de 1768. Possuía algumas alfaias e tinha como patrimônio duas moradas de casas no lugar chamado Gravatá, e duas na rua que ia da Cadeia para o Mangue, quatro atrás da Capela e três braços e meia de chão no Gravatá.



Figura 21: Coroas do Rei e Rainha da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Paraty – século XVIII. ARAUJO, J. S. Q. Pizarro e outros



Figura 22: Quadro com o Rei e a Rainha da Festa de Nossa Senhora do Rosário de Paraty, 2008. ARAUJO, J. S. Q. Pizarro e outros.

Estas Irmandades festejavam seus oragos no mês de dezembro, sendo o dia 26 dedicado a Nossa Senhora do Rosário e o dia 27, a São Benedito. Possuíam varas em prata encimadas pelas efigies dos santos, pertencentes aos provedores, e congregavam homens e mulheres negros. A de Nossa Senhora do Rosário vestia opa branca; e a de

São Benedito, opa bege com capuz e murça roxa. A festa era antecedida pela levantação do mastro ao lado da igreja, no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia, que à tarde também era homenageada com missa acompanhada de órgão na Igreja do Rosário e ladainha à noite. No dia 18 de dezembro iniciava-se a novena preparatória, saindo as imagens das residências. O dia 26 de dezembro, dedicado a Nossa Senhora do Rosário, era comemorado com missa incensada e cânticos sacros, e com a presença do rei e da rainha de Nossa Senhora do Rosário. No dia 27 era celebrada, às 10 horas, missa solene em louvor a São Benedito, com coro e orquestra. Nessa festa também era realizado o bando precatório, que levava pelas ruas os estandartes dos santos, angariando esmolas para a Irmandade, acompanhado de folia. À tarde percorria as ruas da cidade a grande procissão, com os andores dos santos homenageados²⁷ e também S. João, Sta. Luzia e a Santíssima Trindade. Após a procissão era realizado o *Te Deum Laudamus*, encerrando com o leilão de prendas.

A **Irmandade de Nossa Senhora das Dores** teve sua igreja construída no início do século XIX e foi reconstruída em 1901 pelo padre Cezar João Lera. Possuía ricas alfaias, conforme atesta o seu Livro de Inventário de Móveis, Imóveis e Objetos, datado de 1901-1907. Festejava seu orago com o chamado Setenário das Dores, devoção iniciada na Europa no século XVIII e introduzida no Brasil através da Congregação do Oratório, onde cada dia é dedicado a uma dor de Nossa Senhora. O Setenário se iniciava na semana que antecede o Domingo de Ramos, terminando na Sexta-Feira de Passos. Era acompanhado de cânticos e coro às 7 horas da noite, com a capela ricamente paramentada e profusamente iluminada, conforme relatam os jornais da época; e encerrava-se com "Missa Solene de Nossa Senhora", às 10 horas da manhã. À tarde desse mesmo dia saía a imagem de Nossa Senhora da Dores para a Procissão do Encontro ou de Passos. Os membros da Irmandade das Dores trajavam murça na cor roxa, tendo no lado esquerdo o seguinte emblema: coração transpassado por uma espada, bordado em galões metálicos com fios dourados, simbolizando a profecia de Simeão. A Irmandade era integrada somente por senhoras, embora tivesse como provedor o vigário da paróquia. Nela "[...] só eram admitidas senhoras que professassem a Religião Catholica Apostólica Romana, observantes sendo condição essencial a desobriga pela quaresma (COMPROMISSO, 1901, p. 7).

Parte integrante das cerimônias do Setenário das Dores era a "Solene Coroação de Nossa Senhora" realizada no Domingo da Ressurreição, à noite, na própria capela,

²⁷ São João possui retábulo próprio nesta igreja; nesse altar era celebrada missa no dia 24 de junho, 04 de dezembro para Santa Bárbara e também no dia 13 de dezembro, dia de Santa Luzia.

conforme se verifica no livro de receita e despesa da Irmandade – que registra gastos de doces para os anjos, velas, incenso e foguetes. Nesta cerimônia, meninas vestidas de virgens retiravam da imagem da santa o lenço, a espada e o manto azul ou roxo e nela colocavam a coroa de rainha em filigrana dourada, aspergindo-lhe pétalas de flores ao toque dos sinos, campainhas e espoucar de foguetes. Nesta igreja também era comemorada, no dia 06 de agosto, a festa do Senhor Born Jesus - com missa incensada, no próprio altar do santo.

Algumas dessas irmandades - como Santa Rita, Nossa Senhora das Dores, São Roque, Nossa Senhora dos Remédios e Nossa Senhora do Rosário - possuíam medalhas em prata, que eram fixadas em bolsas próprias para coleta de esmolas, e que serviam para identificar a Irmandade. Durante as procissões solenes das principais festas da cidade, como Sagrado Coração de Jesus, Divino Espírito Santo, Santa Rita e Nossa Senhora dos Remédios, era costume ser conduzido sob o pálio²⁸ o Santíssimo Sacramento, bem como cobrir o assoalho das igrejas com folhas de canela - costume do século XVIII, que Paraty ainda mantém. Nos dias e festa do orago, era feita a leitura de nominata dos novos componentes e seus encargos para o ano vindouro.



Figura 23 - Medalhas de Bolsa de esmolar. A terceira da esquerda para a direita pertence à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Paraty. Foto: Julio Cezar Dantas, 2013.

Outras festas que merecem destaque, dentro do contexto religioso da cidade, eram as Festas na Zona Rural - em homenagem a Santo Antônio, São João e São Pedro. Eram realizadas no mês de junho com a presença do capelão, que apontava as ladainhas. Conforme depoimentos do Sr. José do Espírito Santo Calixto, seu Zuzu, neste período o povo costumava dizer: "[...] já está chegando o tempo das festas dos santos miúdos", caracterizando a diferença entre os santos graúdos da cidade e os santos miúdos da roça.

Para essas festas da Zona Rural, as padarias da cidade, em especial a de Gabriel Calixto, tinham grande demanda na encomenda de roscas, cangalhinhas e

²⁸ Na Procissão de Passos ou do Encontro, a Cruz Relicário era conduzida sob o pálio para ser depositada no interior do mesmo.

canelinhas. Estas eram transportadas em sacos, nos jacás destinados aos locais onde eram cultuados esses santos: Boa Vista, sob a responsabilidade de Irineu Mello (São João); Fazenda Corisco, de Filhinho Verneck (São João); Pedra Branca, de José Núbile (São João); Fazenda Corumbê, de Antônio Malvão (Santo Antonio, São João, São Pedro e Senhor Bom Jesus); Fazenda Catiferro, de João Agostinho Netto (Santo Antonio, São João, São Pedro, Santana e Senhor Bom Jesus); Fazenda Rio dos Meros, de Crispim Alcântara (Santa Cruz); e Ilha do Araújo (São Pedro). Na localidade da Várzea do Corumbê a Padroeira Nossa Senhora dos Remédios era cultuada por Manoel Avelino do Nascimento; e em outras localidades, como a do Cabral, o culto era a Santana, por Maria Antonia Sant'Ana.

Conforme se verifica nos jornais da época, as festas na roça eram de muita fartura e dança até o raiar do dia, ao lado de "[...] fogueiras crepitantes, erguidas nos terreiros, a frente das casas devotas onde as ladainhas animadas enchem o ar com sua cadência harmoniosa em homenagem ao santo querido" (A RAZÃO, 1921, p. 2). A essas festas compareciam todos os moradores vizinhos, inclusive da Boa Vista, Olaria, Pau d'alho e também da cidade, pois era comum, nesta época, os moradores da cidade se dirigirem para a zona rural, onde homenageavam os santos do mês de junho, julho e agosto - herança trazida pelos portugueses.

De caráter rural, embora localizada nas imediações da cidade, no Beco do Bom Proposito, a Capela denominada de Santa Cruz da Generozza²⁹ foi erguida em fins do século XIX, conforme atesta a data existente, pintada com letras na cor sanguínea, na face posterior do seu retábulo: "sábado dia 23 de outubro de 1895 a noite". Esta capela está vinculada a um incidente ocorrido em uma Sexta-Feira Santa, nas margens de um braço do Rio Perequê-Acú, denominado Rio Morto, ao lado da capela, quando foi encontrado agonizando um negro, de nome Theodoro Dias Villela³⁰, que ao lançar nas águas do rio uma tarrafa, enganchou-se em um botão de sua camisa, levando-o para o fundo das águas, falecendo após o fato. Provavelmente o nome Beco do Bom Proposito, faz alusão ao fato ocorrido às margens do rio e sua posterior intenção de erguer a capela.

²⁹ Construída por Dona Maria Generozza, moradora daquela localidade

³⁰ Theodoro Dias Villela era escravo liberto, em 08/12/1891, passou integrar a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, como irmão mesário, foi rei da festa de 1892, faleceu em 05/04/1895.



Figura 24 - Leito do Rio Morto e Capela de Santa Cruz da Generozza década de 1960. Fonte: Arquivo Central do IPHAN, RJ.



Figura 25 - Face posterior do retábulo. Fonte: Foto: Julio Cezar Dantas.

A Festa de Santa Cruz era realizada no dia 3 de maio, dia da "Invocação de Santa Cruz", onde o mastro era erguido no dia 24 de abril primeiro da novena. O dia 3 de maio, dia da festa, se iniciava com "alvorada" de foguetes; à noite havia ladainha celebrada por capelão, leilão de prendas e a dança do Jongo em torno da fogueira acesa. O adro da capela era ornamentado com bandeirinhas, arcos de bambu e lanternas de papel colorido.

Dentre as festas religiosas realizadas em capelas nas imediações da cidade ou na zona rural, não podemos deixar de citar as de São Pedro de Alcântara, patrono da Santa Casa de Misericórdia, no dia 19 de outubro: além da eleição da nova mesa administrativa, para o "ano compromissal" que se iniciava no dia do santo, mandava-se rezar uma missa pela manhã e uma ladainha à noite na capela, que ficava aberta à visitação durante todo o dia. À noite geralmente era realizado leilão de prendas em benefício da Casa de Caridade, acompanhado de banda. Em Paraty, Nossa Senhora da Conceição também era cultuada - com novenas, missa solene e procissão nas localidades de Paraty-Mirim, Barra Grande e Várzea do Corumb , intitulada Santa Cruz da V rzea³¹; e na Fazenda Nossa Senhora da Conceição de Cima, no bananal.

O ano se iniciava com as visitas às casas onde se armava o presépio, desde o Natal até o dia de Reis, em 6 de janeiro, por grupos que poderiam ser compostos por senhoras e senhoritas, algumas vezes acompanhados de membros das corpora es musicais existentes na cidade ou de outros instrumentos, reinando sempre a alegria da vida tosca do interior. No dia 02 de novembro, os mortos eram reverenciados com missa na matriz e procissão até o cemitério, onde era celebrada outra missa na capela

³¹ Esta festa vem sendo realizada tradicionalmente em outubro.

existente. Era costume cobrirem os túmulos neste dia, com toalhas, candelabros e jarros com flores, bem como aspergir água benta sobre os mesmos.

Tradição, permanência e transformação: Paraty, hoje

As circunstâncias que levaram ao declínio das atividades econômicas em Paraty em séculos anteriores não foram suficientes para extinguir as práticas sociais que sustentaram, desde o estabelecimento da primeira vila, o seu *Id* sociocultural. Solidamente ancoradas nas crenças e valores de seus habitantes, essas práticas permaneceram – e permanecem – ao longo de mais de quatro séculos, transformadas e reatualizadas, no tempo e no espaço social dessas comunidades. Nesse contexto, o conjunto de traços, registros e ocorrências que configura o complexo cultural da devoção católica é especialmente relevante, dado o caráter espontâneo e genuíno dessas manifestações.

Se por um lado, com o poder aquisitivo das Irmandades Religiosas essas festas se mantiveram durante séculos, por outro, quando algumas foram extintas em 1959 - só permanecendo as de Nossa Senhora dos Remédios, do Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora das Dores, segundo registro no Livro Tombo - a comunidade ainda continuou a comemorar seus oragos, desta vez com a figura do festeiro, como já vinha sendo feito pela Irmandade do Rosário – em cujos registros aparece, desde o final do século XIX, o termo “Festeiro” (LIVRO DE ELEIÇÕES E POSSE, 1885, p. 33v – 34) permanecendo até os dias atuais, a exemplo de como se fazia com a Festa do Divino Espírito Santo. Mantém-se a mesma sequência dos atos e até os seus horários, que ocupam importante espaço dentro da vida da comunidade e seus desejos de continuidade, como expressão de fé cristã.

Na sua maioria as festas ainda estão presentes - e a Semana Santa, que já tinha suprimidos alguns atos, como a Procissão do Fogaréu, o Descendimento da Cruz e até mesmo a Procissão do Encontro, na década de 1970 obteve o apoio do Grupo JOPACOL - Jovens Paratyenses para a Coletividade, liderado por José Cláudio de Araújo. O grupo reativou algumas festas e promoveu a reabertura dos Passos, dando reforço para as outras festas como Divino, Padroeira, Sagrado Coração de Jesus, Corpus Christi e Rosário.



Figura 26 - Procissão do Fogaréu. Fonte: Acervo PASCOM

Nesta mesma década a Festa de Santa Rita, que não mais se fazia na igreja, foi reativada por Maria Gibrail Rameck, através de novenas domiciliares. Em 1978 a imagem grande saiu às ruas, e em 1985 a festa foi reativada na sua integridade³². A Festa de Santa Terezinha, em 01 de outubro, devoção iniciada em Paraty, através da oferta da imagem à cidade, por Milton Martins Giglio, em 8 de setembro de 1929, e que inclui a distribuição de rosas, também foi reiniciada por Maria Rameck, na década de 1970. Na década de 80, a Irmandade do Menino Jesus, que outrora existia na Igreja de Santa Rita, composta de crianças, com grande participação na vida religiosa da cidade, foi reativada por Sirley Coupê Dantas, mas infelizmente não teve vida longa. A Festa de Santa Cruz da Generozza, há muitos anos sem ser realizada, foi reativada em 1996 em sua totalidade, pela Comissão da Festa de Santa Rita, com levantamento de mastro, ladainhas, danças e o leilão de prendas. Para este ritual de festas e procissões, sejam elas internas ou externas, utiliza-se os mesmos objetos de culto, na sua maioria confeccionados em material nobre, que se revelam nas formas mais expressivas e originais da arte colonial.

Nos séculos XVIII e XIX as Confrarias e Irmandades Religiosas organizavam as festas, cerimônias e procissões dentro de um calendário litúrgico, ou conforme as devoções particulares, que atuavam como veículo de integração entre a igreja e a comunidade, representada nos grupos de brancos, negros e pardos - que conduziam solenemente, nas procissões, guiões, cruzes, ciriais e varas de provedor em prata lavrada, símbolos do status das Irmandades e seus membros. Em Paraty este dado é verificado pela presença de algumas imagens seiscentistas ainda existentes, como os primeiros e segundos padroeiros das Vilas: São Roque e Nossa Senhora dos Remédios, o primeiro em madeira e a segunda em terracota policromada. Impressionam, pela

³² Por José Cláudio de Araújo, a partir de pesquisa desenvolvida por Julio Cezar Neto Dantas.

dignidade de fatura, as belas imagens que integram os retábulos das igrejas, e as imagens de roca e vestir em tamanho natural, utilizadas nas cerimônias da Semana Santa, as quais, através de seu processo construtivo diversificado e sua engenhosidade, cumprem a função que simula um ser vivo.



Figura 27 - Imagem de São Roque.
Fonte: Henrique Carvalho



Figura 28 - Imagem de Nossa Senhora dos Remédios. Foto: Julio Cezar Dantas

Este universo simbólico ainda perdura em Paraty, onde em grande parte as cerimônias aqui descritas são realizadas com a maior originalidade possível pelos membros remanescentes das antigas Irmandades, notando-se forte permanência desses valores religiosos. No momento atual os objetos descritos têm sua participação vinculada ao conjunto de cerimônias do calendário litúrgico da cidade, evidenciando a presença marcante da igreja no espaço urbano, além dos monumentos religiosos de vulto. É um conjunto simbólico e material de alto valor e representatividade para os paratyenses, fundamento e razão de ser do que consideram o “seu” patrimônio.

O acervo móvel adquirido através dos séculos, ainda presente no interior das igrejas da cidade, e que inclui testemunhos da religiosidade paratyense, é composto das varas de provedores, coroas, resplendores, castiçais, imagens, cruzes processionais, medalhas de bolsa, varas de pálio, custódias, atributos de imagens, paramentos, mobiliários, objetos de iluminação e decoração. Boa parte desse acervo encontra-se musealizado e sob custódia do Museu de Arte Sacra de Paraty.

Entretanto, cabe destacar que o “patrimônio paratyense” estende-se para além dos rituais comunitários e dos objetos musealizados, para além das igrejas, capelas e práticas festivas. Ele está presente em todos os tempos e todos os lugares (SCHEINER, 2004): no traçado das ruas do centro histórico de Paraty, na inclinação dos telhados, no tanger dos sinos das igrejas, no sorriso das senhoras e senhores que participam da

oficina de palmas, na emoção das crianças que desfilam com asas de anjo, no porte orgulhoso do rapaz caçara, recém coroado imperador na Festa do Divino. A devoção religiosa é o verdadeiro patrimônio - a vibração emotiva que dá vida e razão a todas essas práticas e que propicia a sua continuidade ao longo do tempo: o “espírito do lugar”. A este processo, que atravessa os séculos, Paraty deve, em parte, a recente nomeação, pela UNESCO, como Patrimônio Cultural da Humanidade.

Referências

- AMARAL, Edelweis Campos e GURGEL, Heitor. *Paraty, Caminho do Ouro, subsídios para a história do Estado do Rio*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1973. 213 p.
- ARAUJO, J. S. Q. Pizarro e outros. *Tricentenário de Paraty - Notícias Históricas*. Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1960. 85 p. (Publicação do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 22).
- ARAUJO, J. S. Q. Pizarro e outros *O Rio de Janeiro nas Visitas Pastorais de Monsenhor Pizarro Inventário da Arte Sacra Fluminense*, v. I, 2008. 303 p.
- CÓDIGO DE POSTURAS DO MUNICÍPIO DE PARATY, Impresso, 1936. 24 p.
- CORNWALL; Albrecht; CUNNINGHAM; Pitcher. The Dimensions of Religiosity: A Conceptual Model with an Empirical Test. *Review of Religious Research*, v. 27, n.3, p. 226-244, 1986. In: Wikipedia. Loc. Cit.
- COSTA, Samuel. *Paraty no anno da Independência. (1882-1930)*. Seleção e organização de Diuner Mello- Rio de Janeiro: Litteris Ed., 2000. 95 p.
- COMPROMISSO DA IRMANDADE DA EXCELSA VIRGEM SENHORA DAS DÔRES DE PARATY, impresso em Nictheroy, 1901, 14 p.
- DANTAS, Julio Cezar Neto. *A Irmandade de Santa Rita de Paraty, Sua Igreja e Imagens*. Monografia apresentada à Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSB/RJ), para obtenção do Certificado de Especialização em História da Arte Sacra do Programa de Pós-graduação Latu Sensu, 2011. 91 p.
- DANTAS, Julio Cezar Neto. *A Patrimonialização e suas novas perspectivas: a utilização do acervo do Museu de Arte Sacra de Paraty pela comunidade durante as festas e procissões*. 204 f. 2015. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2015. 204 p.
- DANTAS, Julio Cezar Neto. *Os Passos da Paixão de Paraty*. Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Universidade do Rio de Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Museologia, 1987.
- GONÇALVES, José Reginaldo S. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios. Coleção Museu, memória e cidadania*. Rio de Janeiro, 2007, 251 p.
- HOLDCROFT, Barbara. What is Religiosity? *Catholic Education: A Journal of Inquiry and Practice*, v. 10, n. 1, p. 89–103, sept. 2006. In: Wikipedia. Religiosidade. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Religiosidade>>. Acesso em: 10 mar. 2020.
- LIVRO ACTA da Pia União das Filhas de Maria, 1933-1942, 54 p.
- LIVRO DE ATA DE REUNIÃO do Apostolado da Oração, 1907-1917, 103 p.
- LIVRO DE ELEIÇÕES E POSSES da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Paraty, 1850-1904, 51 p.
- LIVRO DE ELEIÇÕES, POSSES E CONCORDATAS da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Vila de Paraty, 1831-1955, 267 p.
- LIVRO DE INVENTÁRIO da Irmandade do Santíssimo Sacramento, 1836, 94 p.

LIVRO DE INVENTÁRIO DE MÓVEIS, IMÓVEIS E OBJETOS da Irmandade de Nossa Senhora das Dôres, 1901-1917, 52 p.

LIVRO DE REGISTROS E OFÍCIOS da Câmara Municipal de Paraty, 1835, 200 p.

LIVRO DE REGISTRO DAS POSTURAS MUNICIPAIS, 1829, 27 p.

LIVRO DE REGISTROS E OFÍCIOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE PARATY, 1835, 200 p.

MENDES, Alípio. O Velho Convento, Asa Artes Gráficas Ltda, Rio de Janeiro, 1991, 241 p.

PROCESSO nº. 563-T-57, D.P.H.A.N./D.E.T., Seção de História, *Conjunto: Arquitetônico Paisagístico do Município de Parati – Estado do Rio de Janeiro*. 179 p.

RAMECK, Maria José S.; MELLO, Diuner. (Org.). *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty*, 2003. 147 p.

RAMECK, Maria José S.; MELLO, Diuner. (Org.). *Roteiro Documental do Acervo Público de Paraty*. V. 2, 2011. 324 p.

SCHEINER, Tereza Cristina. *Imagens do não-lugar: comunicação e os novos patrimônios*. 2004. Tese (Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Eco, Rio de Janeiro, 2004.

SPHAN / Pró Memória, *Bens Móveis e Imóveis inscritos no Livro de Tombo do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* – Subsecretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 35, 1982. 195 p.

OUTRAS FONTES CONSULTADAS

Artigos

SCHEINER, Tereza Cristina. Repensando o museu integral: do conceito as práticas. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, p.1-13, 2011.

Jornais

PARATYENSE, Paraty, 29 de outubro de 1882 a 01 de maio de 1892.

O PHAROL, Paraty, 06 de março de 1898 a 25 de agosto de 1907.

O PHAROL, Paraty, 01 de setembro de 1907 a 25 de outubro de 1908.

O PHAROL, Paraty, 04 de novembro de 1908 a 26 de dezembro de 1909.

A RAZÃO, Paraty, 04 de janeiro de 1910 a 07 de janeiro de 1923.

O PHAROL, Paraty, 20 de novembro de 1910 a 01 de janeiro de 1911.

O PHAROL, Paraty, 08 de janeiro de 1911 a 15 de setembro de 1912.

O PHAROL, Paraty, 22 de setembro de 1912 a 22 de fevereiro de 1914.

O PRÉLIO, Paraty, 08 de abril de 1917 a 05 de agosto de 1917.

A RAZÃO, Paraty, 19 de agosto de 1917 a 28 de dezembro de 1919.

O MUNICÍPIO, Paraty, 27 de abril de 1921 a 12 de maio de 1927.

A VERDADE, Paraty, 21 de abril de 1929 a 16 de fevereiro de 1930.

Data de recebimento: 12.12.2019

Data de aceite: 19.02.2020